



CANDIDATO TUCANO CHEGA AO DIA DA ELEIÇÃO COM O SONHO DE PASSAR PARA O SEGUNDO TURNO DEPOIS DE CAMPANHA ATRIBULADA

A GRANDE CHANCE DE ALCKMIN

LUIZ CARLOS AZEDO

DA EQUIPE DO CORREIO

O candidato da coligação PSDB-PFL, Geraldo Alckmin, conseguiu o que parecia impossível: chegar ao dia da eleição como forte pretendente ao Palácio do Planalto, em condições de disputar um eventual segundo turno. As últimas pesquisas de opinião apontam essa possibilidade, depois de três meses de obstinada peregrinação por um país que mal o conhecia, apesar de ter sido o governador de São Paulo, o maior colégio eleitoral do país. Não foi um vôo fácil para o tucano, que era mais semelhante a um besouro na decolagem. “Vamos para o segundo turno com todas as chances de ganhar as eleições”, diz Alckmin, afirmando que a vantagem de Lula nos estados cai a cada dia. “As grandes mudanças ocorrem no final”, aposta.

Político experiente — exerceu mandatos de vereador, deputado estadual, deputado federal e prefeito de interior —, o tucano se manteve a salvo de sucessivas crises de sua coligação, que em muitos estados é protagonista de ferozes disputas locais. A fase mais crítica da campanha ocorreu durante a crise da segurança pública em São Paulo, quando os atentados terroristas praticados pelo PCC provocaram forte queda do tucano nas pesquisas, no momento em que a campanha começava a deslanchar.

Alckmin enfrentou com sangue-frio de anestesista essas situações difíceis. Começou a campanha como um candidato que não empolgava nem os tucanos, nem os aliados, um “picolé de chuchu”, como dizem os adversários. Mas o caipira de Pindamonhangaba consolidou suas alianças e demonstrou firmeza nas adversidades.

Na televisão, fez um programa tradicional, com declarações de apoio de populares, suas realizações como governador paulista e propostas para a retomada do crescimento e um “choque de gestão”, o que foi motivo de críticas dos aliados. Tanto o PFL como o PPS queriam que ele atacasse o governo Lula. Na reta final, porém, o marqueteiro Luiz Gonzales mudou o programa de tevê e Alckmin engrossou o discurso contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao cobrar do ex-metalúrgico do ABC paulista explicações sobre a crise ética estrelada pelo PT.

Queda-de-braço

Para ser candidato à Presidência, Alckmin manteve uma longa queda de braço com o ex-prefeito José Serra, que hoje disputa o governo de São Paulo. No auge da crise do mensalão, no ano passado, o então prefeito de São Paulo chegou a estar à frente do presidente Lula nas pesquisas de in-

Juarez Rodrigues/EM - 11/6/06



CÚPULA TUCANA: AÉCIO, TASSO, FHC E SERRA ESTIVERAM NO CENTRO DAS ARTICULAÇÕES E DAS CRISES DA CAMPANHA DE ALCKMIN

“Vamos para o segundo turno com todas as chances de ganhar as eleições. As grandes mudanças ocorrem no final”

GERALDO ALCKMIN, candidato do PSDB à Presidência da República

tenção de votos e tinha a preferência dos militantes do PSDB e dos partidos aliados. A disputa durou três meses, nos quais Alckmin articulou apoios dos caciques regionais do PSDB, ao percorrer 33 cidades, em 23 estados. E fez de tudo para se tornar mais conhecido, até chupar picolé na praça.

Serra havia assumido a prefeitura de São Paulo com o compromisso público de não largar o mandato pela metade, utilizando o cargo de prefeito como trampolim para vôos mais altos. Mas estava mesmo disposto a fazê-lo, para se candidatar ao governo de São Paulo. A desistência de Serra foi fruto da avaliação de que o PSDB não poderia correr o risco de perder o Palácio dos Bandeirantes e de que a situação da economia favoreceria a reeleição de Lula, a qual contou com a concordância do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

A consolidação da candidatura de Alckmin, depois da desistência de Serra, só ocorreu por causa do apoio que recebeu do PFL. A candidatura do prefeito carioca Cesar Maia naufragou após a crise da Saúde no Rio de Janeiro, na qual o então ministro

Humberto Costa, hoje candidato a governador de Pernambuco, fez de tudo para desgastar o pefelista. O senador Antônio Carlos Magalhães, o cacique pefelista da Bahia, declarou apoio a Alckmin. O presidente de PFL, Jorge Bornhausen, tinha preferência pelo prefeito de São Paulo, mas evitou interferir na disputa tucana. Somente Roseana Sarney, aliada do presidente Lula, e o senador Demostenes Torres, que exigia o apoio do ex-governador Marconi Perillo à sua candidatura a governador de Goiás, fizeram restrições à aliança.

Caciques

O presidente do PPS, Roberto Freire, logo após, retirou sua candidatura a presidente da República e declarou apoio a Alckmin, mas seu partido não fez uma coligação formal. Líderes expressivos do PMDB também aderiram à candidatura de Alckmin, como o governador Luiz Henrique, de Santa Catarina, e o ex-governador Jarbas Vasconcelos, em Pernambuco. A maioria dos caciques peemedebistas, porém, preferiu ficar no muro ou apoiar infor-

malmente o presidente Lula.

A relação com os aliados nunca foi fácil. A primeira crise séria na aliança ocorreu logo na Bahia, onde o governador Paulo Souto, candidato à reeleição, ameaçou retirar o apoio a Alckmin por causa da oposição dos tucanos à sua candidatura. A crise foi superada com a mediação de Bornhausen. O sangue frio de Alckmin foi testado na primeira de uma série de crises na coligação com o PFL, que parecia implodir. Até de “chumbolé” Alckmin era chamado.

A campanha enfrentou confusões também com o PPS. O pomo da discórdia foi o Rio de Janeiro, onde o PSDB resolveu lançar a candidatura de Eduardo Paes contra Denise Frossard, que recebeu o apoio de César Maia. A maior confusão na campanha do tucano, porém, foi no Ceará, onde o governador Lúcio Alcântara rompeu com o presidente nacional do PSDB, Tasso Jereissati, e se lançou candidato à reeleição na marra. O racha acabou favorecendo a candidatura de Cid Gomes (PSB), irmão do ex-ministro da Integração Nacional Ciro Gomes e aliado do presidente Lula.

MÉDICO CAIPIRA

O tucano Geraldo Alckmin tem características de político caipira do interior de São Paulo. Porém, no corpo-a-corpo da campanha, mesmo nos grandes centros urbanos, a experiência de vereador e ex-prefeito foi importante para se aproximar de eleitores e cabos eleitorais. “Gosto de simplicidade”, explica. Nas reuniões políticas e conversas com jornalistas também.

Alckmin sempre evita os assuntos desagradáveis e despista contando seus “causos” de Pindamonhangaba, cidade do interior de São Paulo. O tucano não é um grande orador de comício. “Discursos as pessoas esquecem, histórias não”, justifica. O resultado é que, às vezes, outros oradores roubam a cena, mas ninguém como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Discípulo aplicado do falecido governador paulista Mário Covas, a quem sucedeu no cargo, Alckmin se julga um predestinado. Católico praticante, é apoiado pelos conservadores da Opus Dei. A sorte é sua companheira na vida política desde quando se elegeu vereador mais votado, aos 19 anos, ainda estudante de Medicina. Sua atuação no movimento estudantil e o fato de dar aulas de biologia e química orgânica para cursinhos contribuíram para que obtivesse 1.447 votos na legenda do PMDB.

Elegeu-se prefeito com 24 anos, por uma diferença de apenas 67 votos. Durante o mandato concluiu o curso na Faculdade de Medicina de Taubaté e fez a especialização em anesthesiologia, estudando nos fins de semana, no Hospital do Servidor Público de São Paulo. Ainda como prefeito, participou de milhares de cirurgias. “Tenho tudo anotado num livro, data, local, o nome do paciente e o tipo de operação”, conta sem esconder o orgulho.

Em 1982, Alckmin foi um dos deputados estaduais mais votados, com 96.232 votos. Quatro anos depois, se elegeu deputado federal pelo PMDB, conquistando uma vaga na Constituinte. Foi um dos fundadores do PSDB. Vem também daí a longa parceria com o ex-governador Mário Covas, com quem chegou ao Palácio dos Bandeirantes, como vice-governador. Em 2000, sofreu seu primeiro revés político, a derrota ainda no primeiro turno na eleição para a prefeitura de São Paulo, para a petista Marta Suplicy, mas assumiu o governo em 2001 e se reelegeu governador em 2002. (LCA)

PERFIL